

7.

O LUGAR DA ARTE NOS LIVROS DIDÁTICOS DO ENSINO MÉDIO: ANÁLISE DOS CONTEÚDOS DE ARTES VISUAIS DOS CICLOS DO PNLD 2015 E 2021

Anna Bheatriz Nunes do Nascimento
Daniela Alves de Alves

Introdução

Este capítulo apresenta parte dos resultados de uma dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa (UFV), vinculada à linha de pesquisa “Educação, Instituições, Memória e Subjetividade”. A pesquisa tem como foco investigar as relações entre políticas públicas e o ensino de Arte, mais especificamente nos anos finais da educação básica, nas escolas públicas brasileiras.

A análise volta-se para a criação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e para os efeitos de suas mudanças sobre o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), com ênfase na forma como os conteúdos de Artes Visuais passaram a ser apresentados nos livros didáticos do ensino médio em dois momentos distintos: o PNLD 2015, período anterior à BNCC e marco inicial da distribuição de livros específicos para o componente curricular Arte, e o PNLD 2021, após a implementação da BNCC. Nesse último, diferentemente do ciclo anterior, não há livros exclusivos para Arte, pois o componente integra o volume de Linguagens e suas Tecnologias, juntamente com outras disciplinas.

Esta pesquisa, ainda em desenvolvimento, propõe-se a analisar livros dos dois ciclos e a estabelecer um comparativo entre eles a partir de categorias. Os resultados aqui apresentados integram um dos

objetivos específicos da pesquisa, que busca compreender como os conteúdos de Artes Visuais são organizados nos materiais didáticos, quais os temas e conceitos expostos e em que medida as atividades propostas estimulam a criação autoral e a experimentação artística, considerando as transformações ocorridas com a BNCC.

A Base Nacional Comum Curricular, homologada em 2017 para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental e em 2018 para o Ensino Médio, foi constituída como um documento normativo que estabelece diretrizes de aprendizagem ao longo da educação básica, com a finalidade de qualificar a educação nacionalmente (Brasil, 2018a). A partir de sua implementação, os componentes curriculares para o ensino médio foram reorganizados em quatro áreas do conhecimento: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. A área de Arte passou a integrar o grupo de Linguagens, subdividida em quatro campos de expressão: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro (Movimento pela Base, 2018).

Dourado e Siqueira (2019) observam que a BNCC apresenta uma concepção de educação que valoriza principalmente a preparação profissional, alinhando o currículo às demandas do mercado. Nesse mesmo sentido, Cruvinel (2021) argumenta que, ao propor um modelo unificado de currículo nacional, a BNCC desconsidera as desigualdades regionais e sociais existentes no país, implicando em lacunas desde sua origem. Martins (2022) complementa essa reflexão ao destacar que o currículo escolar é um instrumento que define não somente o que se deve ensinar, mas também o que se considera relevante conhecer, estabelecendo o perfil de cidadão desejável para contribuir com a sociedade.

Com as mudanças trazidas pela BNCC, o PNLD 2021 passou por alterações significativas, incorporando, além das novas diretrizes curriculares, os princípios da Reforma do Ensino Médio, Lei n.º 13.415/2017 (Bodart; Esteves; Tavares, 2023). A proposta definida pelo MEC para o ciclo do PNLD 2021 baseou-se nos parâmetros da BNCC, organizados por competências e habilidades, além de considerar as

Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino médio (Ministério da Educação, 2018). Copatti, Andreis e Zuanazzi (2021) destacam que, com essas mudanças, os livros didáticos para o ensino médio passaram a adotar uma abordagem interdisciplinar, focando na preparação dos estudantes para o mercado de trabalho.

É importante ressaltar que a inserção do ensino médio no processo de distribuição de livros didáticos ocorreu de forma tardia e progressiva, já que o Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM) foi formalizado somente em 2004. A distribuição, abrangendo todas as áreas do conhecimento para o ensino médio, só foi consolidada a partir de 2011. Especificamente no que se refere ao componente curricular de Arte, sua presença nos livros didáticos teve início somente em 2015, com duas obras específicas voltadas para os conteúdos de Artes Cênicas, Artes Visuais, Dança e Música (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, 2021).

Nesse contexto, o ano de 2015 é um marco relevante para as análises desta pesquisa, devido a ter sido o primeiro ciclo a incluir livros voltados exclusivamente para o componente curricular Arte (Brasil, 2014). Já o PNLD 2021 apresenta uma grande mudança ao eliminar a obra específica de Arte e adotar uma abordagem interdisciplinar. Os livros passaram a ser organizados segundo os chamados Objetos 2 — Áreas do Conhecimento e, no caso desta pesquisa, o foco recai sobre os materiais de Linguagens e suas Tecnologias, distribuídos em 2022, nos quais os conteúdos de Artes Visuais estão inseridos.

Essa reorganização curricular e também editorial, verificada nos livros didáticos do PNLD 2021, levanta questões sobre a valorização da Arte como campo do conhecimento. Marques e Mendes (2022) argumentam que a ausência de um espaço próprio para a Arte na BNCC contribui para sua desvalorização no currículo escolar. Essa tendência histórica, conforme os autores, compromete a experiência artística dos alunos, já que a Arte não se limita à transmissão de conteúdos técnicos ou teóricos.

A experiência estética envolve sensibilidade, emoção, imaginação e expressão pessoal (Pimentel, 2013), dimensões fundamentais para

um ensino de Arte que valorize a subjetividade dos estudantes e supere a mera assimilação dos conteúdos. Este envolvimento subjetivo e transformador é o que Larrosa (2002) denomina experiência, algo que ultrapassa o simples acúmulo de informações, e que envolve os estudantes ativamente nos processos de criação. As questões que orientam este estudo são: Como políticas públicas educacionais, a exemplo do PNLD para o Ensino Médio, impactam a estruturação e a apresentação dos conteúdos de Artes Visuais? De que maneira os livros didáticos refletem as diretrizes curriculares e as concepções das comunidades epistêmicas envolvidas no processo de produção, edição e avaliação desses materiais? Em que medida os livros didáticos favorecem experiências artísticas significativas e incentivam processos criativos?

Abordagem metodológica

A pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza como base a análise de conteúdo para interpretação dos dados. Segundo Mattos (2024), trata-se de um método que permite analisar os materiais detalhadamente, sendo essencial o desenvolvimento de categorias a partir dos dados coletados. Assim, após uma leitura exploratória dos livros didáticos, foram identificadas temáticas recorrentes e conceitos que orientam a organização dos conteúdos de Artes Visuais.

No exame desses conteúdos, optou-se por não adotar métodos interpretativos como guias para as análises, por não se mostrarem adequados aos objetivos da pesquisa. De acordo com Sontag (2020), a interpretação e a tentativa de extrair significados fixos e universais das obras de Arte pode empobrecer a experiência estética, afastando o sujeito da vivência sensível e transformando a obra em objeto somente de decodificação racional. A autora argumenta que, ao reduzir a obra ao seu conteúdo e submetê-la à interpretação, o potencial de afetar e provocar é esvaziado. A crítica de Sontag ressalta que essa abordagem sistemática e conceitual fragmenta a experiência e compromete sua totalidade.

A autora defende que as abordagens sobre a Arte devem buscar torná-la mais real e próxima, e não menos. Essa concepção reforça que o ensino de Arte não deve estar pautado somente na leitura objetiva de significados, mas em propostas que mobilizem os sentidos, as percepções e a sensibilidade dos estudantes. Conforme destaca Ramaldes (2016), a experiência com a Arte está diretamente ligada às formas de sentir, perceber e significar o mundo de maneira subjetiva. Nossa análise sobre os livros didáticos se pautará na busca de elementos didáticos que estimulem e possibilitem determinadas experiências sensíveis e criativas por parte dos estudantes leitores.

Para as análises referentes ao ano de 2015, foram selecionadas as duas obras presentes no Guia do PNLD 2015, ambas destinadas ao ensino médio e organizadas em volume único para os três anos: *Por Toda Parte e Arte em Interação*. Os exemplares analisados foram adquiridos por meio de sebos virtuais e correspondem às versões destinadas aos estudantes.

No que se refere ao PNLD 2021, a seleção ocorreu a partir do guia do ano correspondente, desta vez voltado à área de Linguagens e suas Tecnologias, de acordo com as atualizações propostas pela BNCC. As obras *Estações Linguagens: Rotas da Cultura* e *Práticas de Linguagens: Corpo, Arte e Cultura* foram acessadas de forma gratuita e integral pela plataforma E-docente. Outros títulos, como *O mundo é feito de linguagens: leitura, discurso e corpo em movimento*; *Identidade em Ação: Um mundo de linguagens*; *Experimenta ATUAR! As experiências políticas, artísticas, críticas e de divulgação de conhecimento* foram obtidas para download gratuito no site da Editora Moderna. Já o livro *Multiversos Linguagens: Cidade em Pauta* foi localizado no portal da Editora FTD. Os demais exemplares — *Interação Linguagens — Identidade: Ser Singular e Plural*; *Ser Protagonista Linguagens e suas Tecnologias — Culturas e Palavras de Linguagens e suas Tecnologias: Amor* — foram encontrados em sebos virtuais. As nove obras analisadas são versões voltadas ao professor e apresentam os mesmos conteúdos destinados aos estudantes, com a adição de uma parte introdutória que, conforme descrito no material oficial, explica como os conteúdos estão organizados em capítulos e unidades. (Brasil, 2021).

A escolha desses livros no âmbito do PNLD 2021 teve como objetivo contribuir para a implementação da BNCC e da proposta do Novo Ensino Médio, estabelecida pela Lei nº 13.415/2017 (Brasil, 2021). Cada coleção selecionada apresenta um volume que contempla as Artes Visuais de maneira interdisciplinar. Os materiais fazem parte do Objeto 2 do PNLD, que contempla Obras Didáticas por Áreas do Conhecimento e Obras Didáticas Específicas, voltadas tanto aos professores quanto aos estudantes do ensino médio.

Com relação às escolhas dos livros, é importante destacar que nem todas as obras aprovadas em um determinado ciclo do PNLD são, de fato, escolhidas ou utilizadas pelas escolas. Após a avaliação pedagógica, os materiais aprovados são reunidos no Guia do Programa Nacional do Livro Didático, que deve ser analisado por professores e equipes pedagógicas no momento da escolha. Cabe a esses profissionais selecionar as coleções mais adequadas à realidade social e cultural da escola, bem como aos perfis dos estudantes e professores. A escolha é feita exclusivamente pela internet, por meio do sistema do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), e cada escola deve indicar duas opções de coleção por componente curricular. Caso a primeira não esteja disponível, o FNDE encaminha a segunda opção (Brasil, 2018b). Além disso, o modelo adotado por cada escola ou secretaria também influencia quais obras serão efetivamente distribuídas. Assim, embora diversas coleções sejam aprovadas, somente aquelas escolhidas pelas escolas ou redes são utilizadas, não havendo sorteios nem mecanismos automáticos de preferência entre os títulos aprovados (Brasil, 2018b).

Ensino de Artes Visuais

Segundo Barbosa (1998), a Arte proporciona possibilidades de produzir conhecimentos, de compreender e representar o mundo, que não se restringem aos modos tradicionais de construção de saberes, como os da linguagem científica. No campo das Artes Visuais, a imagem atua como um importante meio de comunicação. Nesse contexto, é

fundamental pensar a imagem não somente como ilustração, mas como linguagem. Barbosa (1991) chama atenção para o fato de estarmos imersos em um mundo permeado por imagens e, portanto, a escola tem um papel relevante ao possibilitar aos estudantes o acesso a esse tipo de conhecimento, contribuindo também para a formação cultural.

Compreender a Arte para desenvolver o pensamento crítico também envolve aproximar o ensino das vivências sociais dos estudantes. Para Uberti, Valle e Cassol (2019), por meio da Arte é possível problematizar elementos culturais do cotidiano, estabelecendo relações entre os saberes escolares e as realidades sociais. Os autores defendem a importância de apresentar aos estudantes obras que se conectem com suas vivências históricas, políticas e afetivas, favorecendo momentos de experimentação e reflexão compartilhada com os professores. Nesse processo, a leitura de mundo dos próprios estudantes torna-se um ponto de partida para a construção de sentidos.

A valorização da experiência subjetiva dos estudantes no processo de ensino e aprendizagem está presente nas reflexões de Larrosa (2002), que problematiza uma educação baseada exclusivamente nos conhecimentos técnicos e científicos, apontando para a necessidade de valorizar e estimular a sensibilidade e a experiência estética, vista como um modo de se envolver afetiva e sensorialmente com o mundo ao redor. Ainda segundo Larrosa (2002), vivenciar de fato uma experiência requer tempo, atenção e disponibilidade para ser afetado — algo que é dificultado pelo ritmo acelerado das informações que nos chegam, impedindo muitas vezes de vivenciarmos experiências mais profundas.

Do mesmo modo, Dewey (2010) oferece uma compreensão da experiência estética como fenômeno relacional e criativo. Para o autor, a experiência surge da interação contínua entre o indivíduo e o ambiente, e é essa relação que molda nossas vivências. A estética, nesse sentido, não é somente contemplativa, mas exige participação ativa no processo de criação. O fazer artístico é, dessa forma, fundamental para a experiência estética ocorrer de fato, como destacado também por Johann (2021, p.7):

Ao mobilizar-se para o processo de criação, o aluno recorre à história da arte, às pesquisas dos artistas, à tradição da área como pontos de partida para sua criação escolar. Isso é possível apreciando, observando, lendo, comparando, experimentando, refletindo, recontextualizando, hibridizando, inter-relacionando as imagens, os símbolos, os objetos, as ideias e os saberes. [...] Intransponível e transformadora, a experiência estética, vivida na escola, pode alçar o aluno à reflexão de si próprio no embate da experiência autoral

Nesse campo, a construção de significados passa, principalmente, pela experiência sensível e imaginativa. Para Efland (2005), é esse o papel central da Arte-Educação, o de provocar sentidos que contribuam tanto para a expressão subjetiva individual quanto cultural. Considerando a relevância e alcance do livro didático no contexto escolar, objetivamos refletir sobre como esse material apresenta a Arte. Nos interessa investigar se há espaço para propostas que estimulem a criação e a experimentação artística e se há mudanças nos livros com a implementação da BNCC. Pimentel (2013) reforça essa visão ao destacar que o ensino de Arte precisa ser significativo para o estudante, rompendo com processos mecanizados. A autora propõe que o aprendizado se baseie no que chama de cognição imaginativa, um processo ativo que envolve percepção, emoção e criação simbólica. Segundo ela, a imaginação é parte do conhecimento artístico, ao permitir a construção de sentidos por meio de metáforas, associações e subjetividades, articulando-se à noção de experiência proposta por Larrosa (2002).

Arte e BNCC

A presença da Arte no currículo da educação básica foi formalizada a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 4.024, em 1961. Conforme Silva (2019), essa legislação a descrevia como uma atividade complementar, uma iniciação à Arte, revelando a pequena participação e a não obrigatoriedade do ensino dessa disciplina naquele contexto. No ensino

médio, em particular, essa área do conhecimento era optativa, o que reforçava a falta de valorização desse campo no currículo e na formação dos estudantes.

Com a reforma da LDB nº 9394/96, surgiram movimentos por parte dos educadores da área, visando garantir a permanência e a valorização do ensino de Arte nas escolas. Essa mobilização resultou na inclusão da Arte, em 1996, como componente obrigatório em todas as etapas da educação básica, conforme analisado por Martins (2022). Ainda segundo a autora, a concepção de uma base comum curricular de alcance nacional surgiu com o artigo 26 da LDB/96, que determinou a construção de currículos com uma base nacional unificada, articulada com as especificidades regionais e locais.

Desde as primeiras versões da BNCC, na área da Arte surgiram debates entre profissionais do campo, especialmente pela ausência de um espaço próprio como componente curricular — sendo apresentado somente como subcomponente, como destacam Panho e Sardelich (2021). Para o ensino médio, componentes curriculares como Arte, Educação Física, Filosofia e Sociologia passaram a figurar como opcionais ao longo dos três anos finais da educação básica, podendo ser ofertados em somente um deles, enquanto Língua Portuguesa e Matemática foram mantidas como obrigatórias em todo o ciclo. Para Martins (2022), tal estrutura reduz o espaço de formação humana integral e compromete também a formação técnica e científica dos estudantes.

Com relação às Artes Visuais, a BNCC propõe que o ensino dessa expressão artística esteja voltado para o contato com diversas culturas visuais. Ao promover o diálogo entre diferentes tempos e contextos históricos e culturais, visa ampliar as possibilidades de expressão no ambiente escolar (Movimento pela Base, 2018). A proposta da BNCC para o ensino médio se apresenta, em termos oficiais, como voltada ao desenvolvimento de competências e à formação integral dos estudantes (Brasil, 2018a). No campo das Artes, a Competência Geral 6 prevê que:

Ao final do Ensino Médio, os jovens devem conseguir fruir manifestações artísticas e culturais, compreendendo o papel das diferentes linguagens e de suas relações em uma obra e apreciando-as com base em critérios estéticos. É esperado, igualmente, que percebam que tais critérios mudam em diferentes contextos (locais, globais), culturas e épocas, podendo reconhecer os movimentos históricos e sociais das artes. (Brasil, 2018a, p. 498).

Ainda que conste no texto da BNCC, no papel de preparação para a apreciação estética, o ensino de Arte segue ameaçado por sucessivas alterações nas legislações educacionais, que colocam em risco sua obrigatoriedade. Rossi e Magalhães (2018) alertam para os impactos dessas reformas educacionais no geral, que incluem a precarização do ensino e o aprofundamento das desigualdades.

No contexto atual, em que a Arte é componente curricular da área de Linguagens, ela é tratada como secundária na organização do novo ensino médio. Como aponta Martins (2022), esse movimento revela não somente o descaso com a Arte-Educação, mas também contribui para a desvalorização da carreira docente nessa área.

Nosso interesse neste texto é apresentar reflexos da reforma no ensino médio e da BNCC no conteúdo dos livros didáticos do PNLD no que se refere aos conteúdos de artes visuais.

Análises comparativas dos livros didáticos dos ciclos do PNLD 2015 e 2021

As categorias que orientaram a análise comparativa dos livros didáticos foram definidas a partir do referencial teórico que sustenta esta pesquisa, com destaque para os pensamentos de Jorge Larrosa e Susan Sontag. A escolha desses critérios teve como propósito investigar de que maneira os materiais selecionados favorecem — ou não — uma abordagem crítica, reflexiva, voltada à criação e à vivência estética no campo das Artes Visuais.

A categoria *Espaço para experiência* estabelece um diálogo direto com as concepções de Larrosa, que compreende a experiência como uma vivência subjetiva que consegue gerar transformação pessoal, ultrapassando a simples transmissão de conteúdos. Quanto à categoria *Abordagem das imagens*, ela se baseia nas ideias de Sontag, que problematiza a tendência de reduzir as imagens a leituras puramente racionais, defendendo uma aproximação mais sensível, estética e sensorial com o universo visual. Essa categoria busca observar se os livros didáticos estimulam uma relação com as obras presentes nos conteúdos de Artes Visuais que vá além da simples decodificação, incorporando tanto a interpretação quanto a experiência sensorial e estética.

Outras categorias – como *Abordagem das Artes Visuais* e *Protagonismo do estudante* – foram delineadas ao longo das análises, com o intuito de compreender como cada obra estrutura suas propostas e entende o ensino de Arte no contexto escolar. Entre as categorias, destacam-se também *Fruição* e *Expressão autoral*, entendidas como dimensões essenciais para estimular os estudantes a refletir criticamente, produzir e expressar suas identidades por meio das práticas artísticas. Mesmo nos livros do PNLD 2015, quando ainda não havia a BNCC, observou-se a presença desses aspectos entre as práticas propostas, que posteriormente seriam sistematizadas com o documento. Essas dimensões correspondem às habilidades posteriormente formalizadas na BNCC, como a Competência Geral 6, e as habilidades EM13LGG602 (fruição) e EM13LGG603 (expressão autoral) para o componente Arte no ensino médio.

É importante destacar que cada livro foi analisado individualmente, com atenção à predominância de temas – isto é, os assuntos e conceitos centrais abordados nas obras; às propostas de criação – entendidas como as orientações e estímulos para os estudantes produzirem suas obras; e às atividades voltadas à experimentação artística – que envolvem o uso prático e sensorial dos materiais e técnicas artísticas. A partir dessas observações, foram definidas categorias que orientaram as análises comparativas. A seguir, são apresentados somente

os principais resultados dessa investigação, em uma forma resumida, para evidenciar os avanços e recuos identificados.

As análises comparativas entre os livros didáticos do PNLD 2015 e do PNLD 2021 revelam alguns avanços e também limitações. Nos livros de 2015, destaca-se a clareza estrutural e a abordagem cronológica da história da Arte, facilitando o acompanhamento pelo estudante. Além disso, algumas obras oferecem propostas práticas bem fundamentadas, incentivando a criação e o processo artístico. Outro aspecto positivo é a presença de conteúdos mais aprofundados voltados somente para o componente curricular de Arte.

Por outro lado, os livros de 2015 apresentam algumas limitações. Os conteúdos tendem a valorizar perspectivas eurocêntricas, com ênfase na história da Arte clássica e moderna, tendo pouca representatividade da Arte brasileira e contemporânea, o que pode dificultar a identificação dos estudantes com os temas abordados. Além disso, há menor variedade de propostas para experimentação, especialmente em um dos volumes que prioriza a interpretação das imagens.

Por outro lado, os livros de 2021 apresentam alguns avanços importantes, como a diversidade cultural dos temas abordados e uma organização mais plural e interdisciplinar. Em alguns deles, observa-se um maior equilíbrio entre teoria e prática, com propostas que incentivam a experimentação artística e o protagonismo estudantil, alinhando-se às diretrizes da BNCC.

Entretanto, as limitações também estão presentes nos volumes do ciclo de 2021. A variedade de livros pode gerar dispersão e dificuldade de coesão entre os temas. Embora a BNCC estabeleça competências e habilidades para a área de Arte, ela não define conteúdos específicos a serem ensinados, resultando em materiais didáticos com abordagens muito distintas. Com isso, alguns estudantes podem ter um ensino mais voltado à interpretação de obras, enquanto outros são mais estimulados à criação autoral, a depender do livro adotado por cada escola.

Além disso, em alguns livros desse mesmo ciclo, o conteúdo teórico aparece superficialmente ou desconectado da prática, de maneira

mais concisa e fragmentada, pelo fato de todas as formas de expressão do componente curricular Arte dividirem espaço com outros componentes em somente 160 páginas para os três anos do ensino médio. A presença de temas e abordagens interdisciplinares nem sempre se traduz em aprofundamento, e a grande quantidade de propostas pode sobrecarregar o docente, que necessita mediar os conteúdos de origens disciplinares diversas.

No que diz respeito à experimentação e à criação, o conjunto de livros de 2015 oferece abordagens distintas. Enquanto um dos volumes apresenta propostas bem estruturadas, o outro dá pouca ênfase à dimensão prática e autoral da Arte. De modo contrário, os livros do PNLD 2021 valorizam mais esse aspecto, em geral, com propostas que exploram diferentes linguagens, práticas autorais e conexões interdisciplinares.

A leitura e a interpretação das obras aparecem de forma mais cronológica e histórica nos livros de 2015, enquanto nos livros de 2021 essa abordagem se evidencia mais contextualizada, dialogando com questões sociais, culturais e contemporâneas. Ainda que o viés interpretativo permaneça, há um esforço maior em tornar essa leitura mais próxima da realidade cultural dos estudantes e, portanto, mais crítica e contextualizada socialmente, assim como propõe Barbosa (2022, p. 3):

“Falo de uma leitura que não é somente formal em termo de linha, cor, espaço etc., mas de uma leitura interpretativa, crítica, contextualizadora do ponto de vista social.”

Por fim, observa-se uma diferença significativa no que se refere ao protagonismo do estudante. Nos livros de 2015, esse protagonismo aparece pontualmente, e de forma mais voltada para a interpretação. Em contrapartida, alguns livros do PNLD 2021 promovem uma maior valorização da participação ativa do estudante, com atividades que incentivam práticas autorais, pesquisas e intervenções no espaço escolar.

SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS CONTEÚDOS DE ARTES VISUAIS DOS LIVROS DIDÁTICOS

ASPECTO	PNLD 2015 (2 VOLUMES)	PNLD 2021(9 VOLUMES)
CONTEÚDO TEÓRICO	Extenso e profundo; Forte ênfase em história da Arte clássica e moderna.	Mais conciso; Equilíbrio entre histórico e contemporâneo, porém, em alguns casos, teoria menos detalhada e tendendo a superficialidade.
EXPERIMENTAÇÃO E CRIAÇÃO	Bem fundamentadas em um dos volumes; Em outro, menos recorrente.	Estimuladas em 7 de 9 livros, com propostas diversas e interdisciplinares, valorizando competências da BNCC.
LEITURA E INTERPRETAÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS	Presente e aprofundada, mas com viés histórico e cronológico.	Mantém-se em todos os volumes, mas dialoga com as realidades contemporâneas.
DIVERSIDADE CULTURAL	Limitada; Repertório fortemente eurocêntrico.	Aumenta a representatividade de matrizes brasileiras e manifestações populares, mas ainda com predominância eurocêntrica.
PROTAGONISMO DO ESTUDANTE	Incentivado em um dos livros; No outro, mais restrito à interpretação.	Valorizado, com múltiplas atividades práticas, pesquisas e intervenções autorais em quase todos os volumes.

Fonte: Elaborado pela autora.

Considerações Finais

As comparações entre os conteúdos de Artes Visuais presentes nos livros didáticos dos ciclos do PNLD 2015 e 2021 evidenciam transformações tanto na maneira como os conteúdos são organizados quanto nas abordagens destinadas ao componente curricular Arte no Ensino Médio. Um dos elementos mais marcantes é o aumento e a diversificação do número de obras disponíveis. O aumento de duas para nove obras após a implementação da BNCC demonstra uma tentativa de ampliar a pluralidade de perspectivas e possibilidades pedagógicas. No entanto, esse aumento quantitativo não garante, por si só, um aprofundamento dos conteúdos. É possível notar que, embora o número de títulos seja maior no PNLD 2021, as Artes Visuais ocupam um espaço reduzido em cada exemplar, ao contrário do que ocorria no PNLD 2015, em que os livros eram dedicados somente ao componente de Arte, permitindo uma abordagem mais densa e detalhada dos temas. A unificação de diferentes componentes curriculares em um só volume, como proposto no PNLD 2021, contribui para que os conteúdos artísticos sejam tratados de maneira mais superficial e fragmentada.

Os dados da análise apontam que os livros didáticos de Arte dos dois ciclos – 2015 e 2021 – apresentam modos diversos de organização e abordagem dos conteúdos de Artes Visuais. Algumas obras priorizam a criação autoral e a experimentação, já outras mantêm um foco mais tradicional, centradas na leitura e interpretação de imagens.

Outro aspecto relevante está relacionado ao incentivo à criação e à experimentação artística. As obras elaboradas após a BNCC apresentam maior estímulo à expressão pessoal e à prática criativa, com atividades mais diversas e, muitas vezes, integrando diferentes áreas do conhecimento. Esse direcionamento contrasta com o caráter mais analítico e histórico observado em uma das obras anteriores à BNCC. Também se observa, em 2021, um movimento no sentido de equilibrar teoria e prática, com propostas que reconhecem o valor tanto da análise crítica quanto da produção artística, favorecendo o desenvolvimento da expressão autoral dos estudantes. O desafio, no entanto, está em garantir que essa experimentação se concretize de maneira significativa, rompendo com práticas ainda centradas em análises conceituais e interpretações que se distanciam das vivências estéticas.

Dewey (2023) destaca que a experiência está na base do processo educativo, mas alerta que nem toda experiência contribui para a aprendizagem – algumas, dependendo da forma como são propostas, podem até comprometer esse processo. Para o autor, o que realmente importa é a qualidade da experiência vivenciada, a qual está associada tanto ao seu caráter imediato quanto ao impacto que produz sobre experiências futuras.

Ao analisar os livros didáticos selecionados, é possível identificar propostas que envolvem algum grau de experiência estética. Contudo, não se pode afirmar se essas propostas atendem aos critérios de qualidade sugeridos por Dewey, já que a simples presença de atividades práticas nos livros didáticos não assegura, necessariamente, um envolvimento profundo e duradouro com os conhecimentos construídos por meio desses materiais didáticos.

No que diz respeito aos conteúdos, observa-se um avanço na inserção de manifestações artísticas populares, culturais e contemporâ-

neas, apontando para uma ruptura, ainda que parcial, com o eurocentrismo predominante nos livros anteriores. A inclusão de artistas, línguas e referências mais diversas contribui para a valorização das múltiplas identidades presentes na realidade brasileira. Além disso, os livros produzidos após a BNCC demonstram uma articulação com temas de relevância social, como identidade, política e desigualdades, aproximando o ensino da Arte das vivências e questões que estão presentes no cotidiano dos estudantes.

Apesar desses avanços, principalmente com relação à diversidade e à valorização da criação artística, a grande variedade de coleções presentes no PNLD 2021 pode gerar certa dispersão e comprometer a coesão dos conteúdos. Isso pode acarretar um trabalho mais criterioso por parte dos docentes, que precisam articular essas propostas com os contextos das escolas. A leitura crítica desses materiais possibilitou identificar tanto avanços quanto limitações no que diz respeito ao papel dos livros didáticos para o desenvolvimento da prática artística no Ensino Médio. Essa realidade revela a complexidade do cenário atual para o ensino de Arte, sobretudo com a implementação da BNCC, e reforça a importância de escolhas pedagógicas que sejam coerentes com os contextos escolares. Além disso, as decisões dos formuladores das políticas públicas – representados pelas comunidades epistêmicas, um dos outros objetivos de análise desta pesquisa –, se forem bem articuladas, podem reconhecer e fortalecer o papel da Arte como ferramenta para a construção do capital cultural e a expressão criativa dos estudantes.

Referências

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. *Imagem no ensino da arte: anos 80 e novos tempos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

BARBOSA, Ana Mae. Leitura da imagem e contextualização na arte/educação no Brasil. *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 9, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.127855>. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/127855>. Acesso em: 25 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018a.

BRASIL. Ministério da Educação. *Programa Nacional do Livro Didático – PNLD: informações para escolha das obras didáticas*. Brasília, DF: MEC, 2018b. Disponível em: https://portal.mec.gov.br/pnld/index.php?option=com_content&view=article&id=index.php?option=com_content&view=article&id=13658. Acesso em: 25 jul. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Guia de livros didáticos: PNLD 2015: arte: ensino médio*. Brasília, DF: MEC/SEB, 2014. 40 p. Disponível em: https://www.fnde.gov.br/phocadownload/programas/Livro_Didatico_PNLD/Guias/PNLD_2015/pnld_2015_arte.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica; FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. *Guia digital PNLD 2021: obras didáticas por áreas do conhecimento e específicas – linguagens e suas tecnologias: ensino médio*. Brasília, DF: MEC, 2021. Disponível em: https://pnld.nees.ufal.br/assets-pnld/guias/Guia_pnld_2021_didatico_pnld-2021-obj2-linguagens-e-suas-tecnologias.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.

BODART, Cristiano das Neves; ESTEVES, Thiago de Jesus; TAVARES, Caio dos Santos. Perfil autoral dos livros didáticos para o ensino de sociologia (PNLD 2012-2021). *Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais*, v. 7, n. 1, p. 6-36, 2023. Disponível em: <https://cabecs.com.br/index.php/cabecs/article/view/473>. Acesso em: 23 jun. 2024.

COPATTI, Carina; ANDREIS, Adriana Maria; ZUANAZZI, Luzia Cleonir Colla. Olhares ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático: relações entre Estado, mercado editorial e os livros didáticos na escola. *Perspectivas em Políticas Públicas*, v. 14, n. 27, 2021. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/revistappp/article/view/5795>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CRUVINEL, Tiago. Qual o futuro da disciplina Arte a partir da BNCC do Ensino Médio? *Urdimento: Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, 2024.

nópolis, v. 1, n. 40, p. 1-23, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/18970>. Acesso em: 26 maio 2024.

DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010. (Coleção Todas as Artes).

DEWEY, John. *Experiência e educação*. Tradução de Renata Gaspar. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

DOURADO, Luiz Fernandes; SIQUEIRA, Romilson Martins. A arte do disfarce: BNCC como gestão e regulação do currículo. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 35, n. 2, p. 29, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21573/vol35n22019.95407>. Acesso em: 4 jul. 2024.

EFLAND, Arthur D. Imaginação na cognição: o propósito da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 318-345.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (FNDE). *Histórico PNLD*. Brasília, DF: FNDE, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programas-do-livro/pnld/historico>. Acesso em: 24 jun. 2024.

JOHANN, Maria Regina. Arte, experiência e alteridade: reflexões no horizonte da educação ético-estética. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 14, n. 33, e15315, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revtee/article/view/15315>. Acesso em: 27 jul. 2025.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução de João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 1 mar. 2025.

MARQUES, Edite Colares Oliveira; MENDES, José Ernandi. O ensino de artes no currículo da educação básica no contexto atual: contradições e desafios. *Revista on-line de Política e Gestão Educacional*, Araraquara, v. 26, n. esp. 4, e022115, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22633/rpge.v26iesp.4.17132>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/17132>. Acesso em: 15 maio 2024.

MARTINS, Margarida Helena Camurça. *BNCC, cadê a Arte?* Curitiba: Appris, 2022. 242 p. (Educação, tecnologias e transdisciplinaridade).

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. *Conversando sobre metodologia da pesquisa científica: desenhando o projeto e a pesquisa*. Cachoeirinha, RS: Fi, 2024. v. 2, 243 p. Disponível em: [informação não fornecida]. Acesso em: 3 jun. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). *PNLD*. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-aco-es-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>. Acesso em: 18 maio 2024.

MOVIMENTO PELA BASE. *Arte na BNCC*. [S. l.]: Movimento pela Base, 2018. Disponível em: https://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2019/06/2018_12_keyshift_Arte-na-BNCC_v01.pdf. Acesso em: 26 maio 2024.

PANHO, Guilherme; SARDELICH, Maria Emilia. *Re-cortes das artes visuais: nas entrelinhas da BNCC*. João Pessoa: Editora UFPB, 2021. E-book. Disponível em: <http://www.editora.ufpb.br/sistema/press5/index.php/UFPB/catalog/book/636>. Acesso em: 4 jul. 2024.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Cognição imaginativa. *Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG*, Belo Horizonte, v. 3, n. 6, p. 96-104, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/15640/12515>. Acesso em: 1 mar. 2025.

RAMALDES, Karine. A relação entre espectador e obra de arte. *Revista Aspas*, v. 6, n. 1, p. 149-161, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/111463>. Acesso em: 2 mar. 2025.

ROSSI, Maria Helena Wagner; MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. Ensino de artes visuais e políticas públicas educacionais. *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 5, n. 2, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/86353>. Acesso em: 13 maio 2024.

SILVA, Maria Betânia e. Reflexos históricos: por que uma aula de arte? *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, SP, v. 29, n. 61, p. 269-286, maio/ago. 2019. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/eduteo/v29n61/1981-8106-eduteo-29-61-269.pdf>. Acesso em: 3 jan. 2025.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação: e outros ensaios*. Tradução de Denise Bottmann. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

UBERTI, Mariete Taschetto; VALLE, Lutiére Dalla; CASSOL, Márcia Silveira. A imagem como potência para a educação: prática artística e produção de sentido. In: *III Seminario Internacional de Investigación en Arte e Cultura Visual*. Montevideo, Uruguay, 2019. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/32.pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.